

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (MAIO DE 2013)

Com base na amostra representativa da IACA (atualmente 19 empresas, devido à saída de uma associada da IACA, com algum impacto, apesar de reduzido, nos alimentos para aves, o que significa que o peso da amostra é agora de cerca de 75% da produção associada), constata-se que **em maio de 2013** a produção se situou em 186 868 toneladas contra as 194 486 tons produzidas em maio de 2012, o que representa uma quebra de 3.9% relativamente ao período homólogo do ano passado, na linha do mês anterior, infelizmente com maior expressão (menos 7 618 tons).

Trata-se da **décima variação negativa** consecutiva, ou seja, desde agosto de 2012 que a produção de um mês não é igual ou superior à do seu homólogo do ano anterior, o que constitui, naturalmente, motivo de grande preocupação para todos nós e a pecuária em geral e, conseqüentemente, para a economia nacional, como temos vindo a acentuar junto do Governo em todas as reuniões e ações públicas que temos realizado. E já insistimos por diversas vezes nestes fóruns e continuaremos a reforçar a mensagem de que **não basta promover as exportações, há que criar condições para que o mercado interno funcione já que este é, sem margem para dúvidas, o grande mercado para as nossas empresas**. E não só em Portugal mas igualmente ao nível da União Europeia, sobretudo nos países do Sul. Crescimento, emprego e menos austeridade; mais equidade nas relações comerciais entre a Europa e o resto do Mundo, sobretudo ao nível das regras que são impostas às produções europeias e aos produtos importados de Países Terceiros. Esperemos que estas “sensibilidades”, de tão óbvias e que retiram à Europa capacidade competitiva, sejam parte integrante da agenda política dos decisores europeus, agora que vamos ter uma nova PAC. O Comissário Ciolos tem manifestado estas preocupações mas outros Comissários e o Presidente Barroso são mais sensíveis a outros dossiers e a Agricultura tem surgido quase sempre como moeda de troca. Esperemos que os acordos comerciais que estão “em cima da mesa”, designadamente, com os EUA, a Ucrânia e o Mercosul representem sinais de alguma inversão na tendência seguida até agora.

De facto, em maio, comparativamente a igual período de 2012, com exceção das aves que melhoraram ligeiramente os níveis de produção (1.0%), assistimos a uma quebra nos alimentos compostos para animais em bovinos (-2.2%), suínos (-11.7) e outros animais (-12.4%).

Seja como for, com mais ou menos dias de fabrico nestes cinco meses, e apesar dos “cuidados” que devemos ter nas evoluções e comportamentos das empresas dentro da amostra – que aqui temos relatado, sendo por isso do conhecimento de todos -, “os dados estão lá” e refletem as dificuldades das empresas e a situação muito difícil em que vivemos: os preços das matérias-primas, apesar das previsões de maior oferta nos mercados mundiais e produções recorde, não baixam e estamos espartilhados entre o “oligopólio” dos fornecedores de matérias-primas e os fundos de investimento que especulam, retêm mercadorias, todos os dias explicam os movimentos (especulativos) das bolsas, a volatilidade, e “o oligopólio” da grande distribuição organizada que, esmaga margens e, em nome dos consumidores, tudo lhes é permitido. Como vimos e concluímos na reunião de Fátima de 3 de julho, pelas comunicações apresentadas e no debate, trata-se de um problema ligado aos mercados financeiros e para os quais é muito difícil regular porque é uma questão mundial ligada à globalização dos mercados. Tal não significa que não seja possível tomar medidas que permitam “transferir” essas oscilações e essa volatilidade ao longo da cadeia alimentar,

assegurando a sobrevivência dos operadores ligados às diferentes Fileiras. Porque, aparentemente, os fundos de investimento que “compram” matérias-primas estão pouco preocupados com a cadeia de valor e mais atentos com a rentabilidade das operações. E se desaparecer a pecuária e a Indústria? A quem irão vender as matérias-primas?

Em Portugal, tudo é ainda mais difícil. E se os indicadores económicos, incluindo o desemprego que deverá ter reduzido mas que apresenta ainda valores históricos, indiciam que a política que tem vindo a ser seguida tem criado mais dívida e maior recessão, quebra de investimento e do consumo privado, a atual instabilidade política ainda acrescenta mais crise à que já vivemos. Como se comprovou, os primeiros dias da instabilidade teve custos bastante significativos e não é de excluir o agravamento da situação atual. Esperemos que regresse o bom senso e, sobretudo, que se aposte num caminho que privilegie as empresas e o tecido produtivo, mais crescimento e emprego e menos austeridade. Pode ser que a crise ajude os nossos políticos e decisores a ter mais lucidez e espírito de missão e de serviço. A bem das empresas e da Economia.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Maio 2012	Maio 2013	Variação (%)
AVES	87 719	88 588	1.0
BOVINOS	43 099	42 167	-2.2
SUINOS	50 894	44 921	-11.7
OUTROS	12 774	11 192	-12.4
TOTAL	194 486	186 868	-3.9

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2011*	2012*	2013	VAR%2013/12
JANEIRO	180 964	193 948	178 276	-8.1
FEVEREIRO	172 808	185 985	161 491	-13.2
MARÇO	198 461	198 516	172 802	-13.0
ABRIL	179 066	183 558	180 908	-1.4
MAIO	195 260	194 486	186 868	-3.9
JUNHO	199 816	178 912		
JULHO	194 498	196 528		
AGOSTO	204 199	193 910		
SETEMBRO	202 364	162 648		
OUTUBRO	201 030	192 497		
NOVEMBRO	206 567	185 236		
DEZEMBRO	196 063	176 268		
TOTAL	2 331 096	2 242 492	880 345	-8.0

*Dados relativos à nova amostra representativa

Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)

	Toneladas		
	JAN-MAI 2012	JAN-MAI 2013	VAR %
AVES	413 364	413 940	0.1
BOVINOS	219 252	194 519	-11.3
SUINOS	260 767	216 246	-17.1
OUTROS	63 110	55 640	-11.8
TOTAL	956 493	880 345	-8.0

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

	1000 TON							
	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2012	2013	2012	2013	2012	2013	2012	2013
JANEIRO	81	80	44	40	57	48	13	12
FEVEREIRO	79	76	43	35	52	40	12	10
MARÇO	85	84	47	37	53	41	14	11
ABRIL	81	86	43	40	48	44	12	11
MAIO	88	89	43	42	51	45	13	11
JUNHO	84		40		45		11	
JULHO	93		45		47		12	
AGOSTO	90		45		48		11	
SETEMBRO	75		38		41		9	
OUTUBRO	85		45		51		11	
NOVEMBRO	82		43		49		11	
DEZEMBRO	81		39		46		11	
TOTAL	1004	415	515	194	588	218	140	55

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos. Para 2012, os dados da amostra foram reformulados, tendo em conta a saída de uma empresa

Neste quadro, de grandes preocupações, foram 6 (3 no mês de abril), as empresas que apresentaram, nestes cinco meses de 2013, produções mais elevadas que no ano anterior e que representam cerca de 44% da produção da amostra (contra 39% em 2012). Com os dados de maio, que crescem cerca de 3.3% face a abril, a produção acumulada passou de -9.0% para -8.0% mas é importante salientar que durante estes 5 meses, os dias de fabrico foram diferentes (129 dias em 2012 e 126 dias em 2013) pelo que a diminuição, extrapolando-se estes dados é de -5.3% (uma média diária de 8 940 tons em 2012 contra os atuais 8 460 tons em 2013, dentro do universo da amostra) produzindo-se uma média cerca de menos 500 tons/dia relativamente ao ano passado.

Por outro lado, ao nível do chamado “*mercado livre*”, registou-se, em maio, uma redução de 7.2%, contra a quebra global de 3.9% já referida e um acumulado de -11.7%,

diretamente ligada à diminuição da produção de alimentos compostos para ruminantes e contrariamente à tendência do ano passado. Dentro da nossa amostra, este segmento de mercado representou, neste período de janeiro a maio, 39.9% da produção, contra os 41.6% de 2012. Uma perda de cerca de 46 600 tons no período de janeiro a maio.

Relativamente aos mercados pecuários, na avicultura, os preços do frango apresentam neste início de julho cotações entre 1.05 e 1.10 €/kg de peso vivo e os ovos entre os 0,52 e 0,68 €/dúzia, o que representa uma tendência de ligeira subida face aos dois meses anteriores. No entanto, o setor apresenta perspetivas muito pessimistas, sobretudo ao nível dos ovos, tendo em conta o excesso de oferta no mercado europeu para fazer face à procura. As exportações são possíveis a baixos preços e é de questionar o que aconteceu com as normas de bem-estar animal que, numa situação normal, deveria ter contribuído para “regular” o mercado quando, afinal, existem sinais de que, por toda a União Europeia, terá aumentado o número de galinhas poedeiras.

Nos bovinos, depois da tendência de manutenção e quebra, a Bolsa de 4 de julho prossegue uma tendência de estabilidade mas esta foi decidida por unanimidade. No mercado, continuam os ajustamentos em quebra, com os novilhos e novilhas cotados em 4.00 €/kg carcaça e as vacas nos 2.75 €/kg carcaça. Os abates semanais têm registado alguma subida, bem como o peso médio dos animais abatidos mas o facto é que o número de animais para abate se situa em níveis inferiores aos de 2012.

No setor do leite, mantêm-se o clima de pessimismo, com baixos preços na produção e preocupações quanto ao futuro do setor perante a reforma da PAC que, á partida, conduzirá a uma redução nas ajudas para os produtores mas veremos, dentro da flexibilidade dos Estados-membros e no processo de convergência interna que medidas irão existir para mitigar este impacto e o fim das quotas a partir de 2015.

Nos suínos, depois de um período de subida, que dava sinais de poder continuar, regressa a tendência de estabilidade, confirmada pela Bolsa do Porco de 4 de julho e, tal como em todos os setores da pecuária, as preocupações perante a evolução dos custos de produção.

Nas matérias-primas, reflexo das incertezas e instabilidade, agravadas pelos problemas nos países exportadores (Brasil, Argentina), os preços da soja continuam em alta, “acreditando-se” que podem baixar, perante as expectativas de uma produção recorde mas o facto é que a matéria-prima não chega ao mercado, com consequências negativas para todos nós. Fontes do mercado indicam que o segundo semestre pode ser mais favorável mas na prática não existe qualquer inversão da tendência. A Europa tem de rapidamente fazer face a esta dependência e estes sinais podem chegar no quadro da reforma da PAC mas é uma fragilidade enorme a vulnerabilidade ao nível das proteínas vegetais. Nos cereais, a conjuntura é mais favorável e temos expectativas de uma boa colheita ao nível da União Europeia, bem como nos países do Mar Negro.

Para além dos preços, a Indústria europeia confronta-se com problemas de qualidade. Depois do problema das aflatoxinas no milho, surgem agora alertas rápidos de contaminações de dioxinas em bagaço de soja, pelo que aconselhamos os nossos associados a terem todas as cautelas possíveis na relação com os fornecedores. O projeto QUALIACA, que discutimos em Fátima, pode ser uma boa ferramenta no curto prazo mas há que ter em conta os interesses legítimos das empresas associadas. A IACA não desistirá de pugnar por matérias-primas de qualidade e seguras. É o mínimo a que todos temos direito, protegendo o sector, a pecuária e os consumidores nacionais. E todos somos corresponsáveis na cadeia alimentar.